



Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração

Graziela Escocard Ribeiro

Licenciada em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) é atualmente aluna do Curso de Pós-graduação *Lato sensu* em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF) Campos
grazi.escocard@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo relativo ao livro “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães e as implicações de seu sucesso na adaptação para novela, na década de 1970. Adaptação que tornou propícia a construção e a perpetuação da imagem da personagem no imaginário popular, sendo introduzida no folclore regional como uma lenda, chegando até ser concebida como assombração. Neste sentido, a pesquisa tem o propósito de demonstrar como um meio de comunicação de massa, como a televisão, é capaz de influenciar certos telespectadores que depositam nas personagens expectativas que transcendem a ficção, corroborando para a criação do imaginário popular campista.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Comunicação de massa. Imaginário popular.

De um contador de causos, estudante relapso e divertido anfitrião Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, o então conhecido Bernardo Guimarães, atuou como jornalista, magistrado, professor, romancista e poeta. Tais ofícios destacaram seu talento para a vida literária, tornando-o patrono da cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras, da qual o atual titular é o historiador José Murilo de Carvalho.

Sua obra é variada, compreendendo prosa, poesia e dramaturgia. Ainda assim, Bernardo Guimarães pode ser considerado um daqueles ficcionistas reconhecidos pelo maior público, apenas por uma de suas obras, pois, embora tenha escrito nove romances, o único ainda lido e publicado regularmente é “A Escrava Isaura”.

Esse romance possui como título o nome de sua personagem principal, a mocinha sofredora, heroína da estória¹, Isaura, uma escrava aparentemente branca, que nasceu em uma bela e suntuosa fazenda no município de Campos dos Goytacazes, tendo como pais o português Miguel, feitor da fazenda, e a escrava Juliana descrita como mulata que havia sido explorada sexualmente pelo comendador, o Sr. Almeida, dono da fazenda e pai de Leôncio.

¹ Neste artigo a palavra “estória” aparece como sinônimo de narrativa fictícia, contrapondo a palavra “história” usada quando se faz menção a um fato verdadeiro, que se apresenta verídico.

Com a morte de sua mãe e a expulsão de seu pai da fazenda, Isaura é criada pela esposa do Sr. Almeida, que lhe proporcionou uma esmerada educação, mas permanece na condição de escrava. Após a morte do Sr. Almeida e de sua esposa, a fazenda incluindo os escravos, como Isaura, passa para as mãos de Leôncio, que é casado com Malvina, enlace que não o impede de perseguir a pobre Isaura com intenção de realizar seus desejos libidinosos. O pai de Isaura tenta comprá-la, mas Leôncio se recusa, e então, foge com sua filha para Recife. Lá Isaura encontra seu verdadeiro amor, o jovem abolicionista Álvaro. Durante um baile, em Recife, Isaura é descoberta como escrava fugida e acaba voltando capturada para Campos. Pelas pressões de sua esposa Malvina e para castigar Isaura, que insistia em não ceder aos seus impulsos carnis, Leôncio dá liberdade à Isaura, que em troca teria que se casar com Belchior, o jardineiro disforme da fazenda. Mas no dia do casamento, ocorre o inesperado de se esperar de uma história romântica. Álvaro viera de Recife até a Corte, e descobre a falência de Leôncio, adquire suas dívidas aos seus credores se apoderando, assim, de todos os seus bens, abrangendo aos escravos e, portanto, Isaura que acaba lhe pertencendo por direito. Leôncio transtornado, se suicida. Livre dos tormentos, Isaura é absolvida para viver com Álvaro, o então almejado amor. FIM!

O que há de tão encantador na história?

Depois dessa breve retrospectiva da obra ficcionista mais famosa de Bernardo Guimarães, “A Escrava Isaura”, pode-se perceber nas narrativas do autor o contexto histórico, o qual foi vivenciado por ele.

As páginas deste romance estão impregnadas de memória, que remete o leitor ao século XIX, durante o reinado de D. Pedro II, período marcado pela difusão de movimentos abolicionistas no país, os quais ganharam força em todo o país, conquistando adeptos e mobilizando intelectuais como Bernardo Guimarães, que acabou refletindo nesta obra, o pensamento da elite intelectual abolicionista de seu tempo. Pela leitura da obra, reconhecemos o quanto este contexto histórico da escravidão determinou o texto de Bernardo Guimarães. Dessa forma, ao compor “A Escrava Isaura”, o autor acabou por nos dar um testemunho relevante de seu tempo.

A partir de sua memória individual, que é o seu modo particular de representar sua época, conhecemos a memória coletiva desta sociedade escravista do século XIX, partindo do pressuposto de que não há memória puramente individual, já que esta resulta de uma memória

compartilhada por mais indivíduos, se tratado de uma memória coletiva que exerce um grande valor histórico como afirma Le Goff:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2003, p. 469).

O contexto histórico, portanto, é mais um atrativo deixando a obra atraente ao público por se tratar do tema da escravidão, que marcou a história brasileira deixando fortes sinais de sua existência na sociedade de outrora e na de hoje. Ao ler uma obra com o tema da escravidão, como “A Escrava Isaura”, podemos reviver esse passado não tão longínquo assim.

Contudo, como todo romance romântico, “A Escrava Isaura” trata-se de um melodrama que procura mostrar para o leitor a força de um grande amor superando barreiras intransponíveis. No entanto, há outro grande encanto nesta estória em relação ao embate entre o bem e o mal, tema tão apreciado no Romantismo e ainda hoje admitido pela cultura popular e de massa. Isaura, a heroína, representa tudo o que de bom pode haver na natureza humana: a bondade, a nobreza de caráter, a pureza, a beleza, a humildade. Ela é a vítima do mal, representado por Leôncio que é estigmatizado como o símbolo da bestialidade, da torpeza de caráter, do rancor e da mesquinharia. Sua má índole faz com ele seja reconhecido como um verdadeiro mau caráter. Apesar da brutalidade e das tramas ardilosas de Leôncio, é Isaura, com seu amor, quem sai vitoriosa. O bem vence o mal, que resulta no final feliz, típico das estórias de romances românticos.

O sucesso da Escrava Isaura

Conforme Anderson Teixeira Rolin (2007) “A Escrava Isaura” foi publicada pela primeira vez em versão folhetim², no jornal Constitucional de Ouro Preto, e sua primeira edição em livro só veio a público em 1875, pela Editora Garnier do Rio de Janeiro.

Diversos são os palpites sobre o grande sucesso editorial do livro “A Escrava Isaura”.

² Fragmento de um romance publicado diariamente na parte inferior de um jornal, apresentando uma narrativa ágil cheia de eventos com ganchos intencionalmente voltados para prender a atenção do leitor.

Dentre eles, dois são apontados como coerentes e autênticos. O primeiro palpite aponta para abordagem romântica que Bernardo Guimarães faz através da obra, sobre o tema abolicionista, usando o romance como uma maneira de sensibilizar a sociedade brasileira do século XIX, para a questão abolicionista. Trata-se de um romance com tema de engajamento social, o que despertou atenções do público feminino da época, principalmente das mulheres que frequentavam o ambiente da corte, no reinado de D. Pedro II, as quais aguardavam ansiosamente o próximo capítulo em folhetim.

A beleza de uma escrava, aparentemente branca causando inveja, luxúria, paixão e amor em membros de uma sociedade escravocrata e abençoada perante as leis da igreja, causava indignação às senhoras e senhoritas da época, que consideravam Isaura uma dama por possuir uma “educação, como, não tiveram muitas ricas e ilustres damas”. (GUIMARÃES, 2005, p. 20). Por possuir os mesmos atributos que outras damas da Corte e justamente por ser branca, bem educada e linda, Isaura não merecia ser escrava.

Isaura é descrita como branca, embora possa ser mulata, por ser filha de branco e negra. Segundo geneticistas era muito raro haver brancos tendo um dos pais de negros. A miscigenação brasileira ainda estava em evolução, mas não era impossível, ainda mais, se tratando de uma estória fictícia, em que Bernardo Guimarães faz questão de ressaltar a brancura de Isaura, como no trecho em que Malvina diz a ela: “És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano”. (GUIMARÃES, 2005, p. 20). E no trecho seguinte em que o narrador nos diz:

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não saberes dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada (...). Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do acaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardado no seio diáfano o fogo celeste da inspiração. (GUIMARÃES, 2005, p. 19).

Mas Isaura não só é branca aparentemente como se tornou branca intelectualmente. Foi criada como uma filha pela esposa do comendador, que lhe proporcionou uma esmerada educação. Sendo assim, Isaura se tornou uma verdadeira branca, aprendeu a ler e a escrever, a rezar, a tocar piano, teve aulas de música, dança, francês, desenho e carregava uma pequena cruz no pescoço, o que mostrava ser católica, ou seja, se branqueou.

Muitos criticam Bernardo Guimarães por atribuir a escolha de uma escrava branca, como sendo uma ingenuidade ou uma contradição de sua parte, e até um certo preconceito racial mal disfarçado. Afinal de contas, trata-se de uma escrava branca, linda que não merece ser escrava, justificativa atribuída à sua cor e colocando os negros na posição de verdadeiros mercedores da escravidão.

Entretanto, muitos outros críticos literários reconhecem a astúcia de Bernardo Guimarães ao escrever Isaura como branca, importante aspecto racial no século XIX. Se olharmos, porém, por outro lado, sem a perspectiva crítica de nossa época, perceberemos que o autor realmente tocou fundo na ferida, ou seja, colocou uma branca para sofrer o tanto que as negras escravas sofreram com a escravidão. Ao colocar uma branca na condição de escrava, Bernardo Guimarães chamou atenção e provocou questionamentos sobre a sociedade escravista da época em que se encontrava.

Bom, ninguém propriamente pode afirmar qual foi a intenção de Bernardo Guimarães ao escrever “A Escrava Isaura”. A única coisa que podemos considerar é a sua polêmica gerada no século XIX, que ainda é debatida hoje por várias pessoas envolvidas com a literatura e história.

Todavia, hoje em dia, o segundo palpite, o mais cogitado, é aquele que associa o êxito dessa obra à sua adaptação televisiva no formato de novela na Rede Globo de Televisão, por Gilberto Braga, na década de 1970, sob a direção de Herval Rossano e Milton Gonçalves.

Nesta adaptação, Isaura foi interpretada pela atriz Lucélia Santos, papel que marcou sua carreira, já em seu primeiro trabalho na televisão, tornando-a eternizada, pelo público brasileiro e mundialmente por onde a novela circulou, como a escrava Isaura.



Figura 1 - Lucélia Santos como Isaura - cena da novela, 1976.

O livro “A Escrava Isaura” acabou sendo utilizado pela indústria cultural³, na adaptação para um dos meios de comunicação de massa, a novela, que é uma narrativa ficcional, transmitida pela televisão, ao longo de aproximadamente uma centena de episódios individuais ligados, de uma forma geral, pela sequência de acontecimentos como no romance romântico.

A novela é um produto que se destina essencialmente a preencher o imaginário de quem assiste, utilizando como recursos para atrair o telespectador a cada capítulo, a exploração das emoções, fazendo-o rir e sofrer junto à heroína.

Segundo Coelho (2003), a adaptação em novela pode ser explicada pela razão da “literatura inspirar a televisão”, principalmente as histórias mais populares, marcadamente românticas, filhas do romance de folhetim. Teixeira Coelho ressalta também a importância das histórias de folhetim, afirmando que

A indústria cultural só iria aparecer com os primeiros jornais. E a cultura de massa, pra existir, exigiu a presença de produtos como o romance de folhetim que destilava em episódios, e para amplo público, uma arte fácil que servia de esquemas simplificados para traçar um quadro da vida na época. Mesma acusação hoje feita às novelas de TV (2003, p. 9).

O romance de Bernardo Guimarães adaptado para novela se converteu num acontecimento nacional. A repercussão da novela “A Escrava Isaura” foi tão grande que prendeu as atenções do público brasileiro, atraindo milhões de telespectadores, que passaram meses acompanhando as desventuras de Isaura desde sua evolução até o desfecho.

De acordo com Nilson Xavier (2007), autor do *Almanaque da televisão brasileira*, esta novela proporcionou a Rede Globo de Televisão a alcançar enormes índices de audiência que superou, em muito, a outras tantas produções novelísticas até então levadas à televisão, no Brasil e em todo o mundo, recebendo admirações e aplausos recordistas.

Com esta trama, a história das telenovelas virava uma página importante. A novela da sofredora escrava branca tornou-se um grande sucesso nacional e internacional da televisão brasileira.

Nenhuma escrava brasileira foi tão vendida quanto Isaura. Logo após a sua exibição no Brasil, a novela foi comercializada e ainda continua até hoje. São tantos países que Isaura circulou e circula que não se tem uma precisão do número correto destes países, estima-se que já foi vendida para mais de 150.

3 A expressão “indústria cultural” foi cunhada pelos filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer ao escreverem o livro *Dialética do Esclarecimento* em 1947. Esta expressão faz referência às empresas e instituições que trabalham com meios de comunicação de massa como redes de TV, jornais, rádios, revistas e outras formas de entretenimento, baseadas na cultura, visando ao lucro. Sua origem se deu através da sociedade capitalista que transformou a cultura num produto comercializado. Sob esse ponto de vista, a cultura é tida não como um instrumento de crítica ou conhecimento, mas como um produto a ser consumido.

Desde sua primeira exibição, esta versão da novela “A Escrava Isaura” já foi reapresentada quatro vezes pela mesma emissora de televisão, e uma vez na TV Mulher em 1982. Depois foi a vez de a Rede Record de Televisão dar outra nova versão à estória de Bernardo Guimarães, com Bianca Rinaldi no papel de Isaura em 2004. Tal adaptação também fez sucesso, principalmente para os mais novos telespectadores que não chegaram a assistir a primeira versão feita pela Rede Globo.

A absorção da ficção em realidade

Lucélia Santos como intérprete de Isaura ajudou a perpetuar a imagem da escrava no imaginário brasileiro e mais notavelmente no imaginário campista. A associação entre Isaura e Lucélia foi tão forte que os telespectadores não conseguiam distinguir uma da outra. Tampouco os telespectadores do exterior. Até hoje depois de 34 anos da primeira exibição da novela na Rede Globo de Televisão, as pessoas confundem Lucélia com Isaura.

Isaura e Lucélia se tornaram um só ser, nem humano, nem fictício. Lucélia emprestou seu corpo e sua aparência ao encarnar Isaura na televisão, o que tirou Lucélia do anonimato e lhe deu reconhecimento internacional e fama.

Ao receber a novela dentro de casa, por meio da televisão, em doses, o telespectador estabelece relações de familiaridade com a estória e os personagens, depositando nessas expectativas que transcendem o mundo do faz-de-conta, como se eles fossem mesmo pessoas vivas, de carne e osso, tornando o que lhes é passado pela novela como realidade incontestável em muitos casos.

Nesse ato de participar intensamente da trama da novela, as pessoas eliminam a distância que existe entre a ficção e realidade. O telespectador de menor alcance intelectual que compõe a massa é levado a absorver a ficção como realidade.

Foi perguntado a uma campista sobre a escrava Isaura, que respondeu: “Ela existiu, a história é verdade a novela contou toda a sua história”. E acrescentando, disse mais: “A casa dela fica aqui em Campos!”. (Fala de uma moradora próxima à suposta moradia da escrava Isaura). Esta fala demonstra o desconhecimento desta e de muitos outros campistas em relação à verdadeira origem da história da escrava Isaura.

O endereço fixo da escrava Isaura

Uma das personagens mais famosas da literatura brasileira tem endereço fixo. A casa da escrava Isaura se chama Solar dos Ayrizes e fica no Norte do estado do Rio de Janeiro, na cidade de Campos dos Goytacazes, mais precisamente situada, na BR 356, em Martins Lage.

O auge do ciclo da cana-de-açúcar marcou a cidade de Campos dos Goytacazes deixando aos nossos dias testemunhos deste tempo nos casarões e solares, remanescentes na região. O Solar Ayrizes ou casa da escrava Isaura, como é mais conhecida, é um destes exemplos, construído em meados do século XIX, pelo coronel Joaquim Vicente Reis. O sobrado centenário possui 60 metros, com linhas retas que sobressaem na construção onde a madeira, como peroba e pau-brasil, foram os materiais usados nos recortes e detalhes arquitetônicos. Tem na parte superior, as sacadas, em número de cinco, com portas em arco pleno e guarda-peito em ferragens simples, formando um belo e esplêndido exemplar de uma arquitetura que fazia questão de ostentar o poder aquisitivo de seu proprietário.



Figura 2 - Solar Ayrizes - suposta moradia de Isaura, 2009.

A adaptação da novela seguiu à risca a estória de Isaura, compreendendo a sua reconstituição do momento histórico em que se passa o romance. Algumas das inúmeras cenas da novela, realizada em 1976, foram filmadas em Campos, neste Solar, por possuir as

mesmas características descritas por Bernardo Guimarães no início de sua clássica obra “A Escrava Isaura”, como podemos perceber:

Era nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Goitacases, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda. Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e luxuoso, situado em aprazível vargado ao sopé de elevadas colinas cobertas de mata em parte devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por dentro, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em gramais e pingues pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantes, perobas, cedros e copaíbas, que atestavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via aí muro, cerca, nem valado; jardim, horta, pomar, pastagens, e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinhos e gravatás, que davam ao todo o aspecto do mais aprazível e delicioso vergel. A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enredado de flores trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzala, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se estendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio. (GUIMARÃES, 2005, p. 17).

Supostamente Bernardo Guimarães foi inspirado pelos ares do solar quando escreveu “A Escrava Isaura”. Além disso, Campos dos Goytacazes, no século XIX, era uma cidade destacada das demais do Estado do Rio de Janeiro, devido à atividade açucareira sendo considerada de grande prestígio.

O ciclo da cana-de-açúcar se confunde com a história do Brasil e, como descrito por Gilberto Freire (1999), “o Brasil nasceu e cresceu economicamente e socialmente com o açúcar”. Nesse desenvolvimento, a cidade de Campos dos Goytacazes desfrutou da opulência da atividade açucareira, no século XIX, enquanto outras cidades sofriam com várias crises do açúcar.

Também é interessante notar o motivo da escolha de Bernardo Guimarães pela cidade de Recife, no Estado de Pernambuco, como rota de fuga de Isaura onde conheceu Álvaro, o jovem abolicionista. Nesta época, Recife era considerada berço das ideias abolicionistas o que conferiu a sagacidade do autor pela escolha desta cidade.

Mas é em Campos que a estória de Isaura se desenrola na grande maioria dos capítulos da obra literária. Por isso o Solar Ayrizes foi algumas vezes usado como locação para a produção da novela, que transmitiu esta estória para o grande público, mexendo com o imaginário campista que acredita seriamente que a escrava Isaura viveu aqui em Campos, possuindo até um endereço, o Solar Ayrizes, conhecido por todos como casa da escrava Isaura.

Os campistas levaram tão a sério a estória da escrava Isaura, absorvendo como realidade, que até a incorporaram no folclore local, argumentando que Isaura continua na sua residência. Reza a lenda que ela não só viveu no lugar, mas que o seu espírito ainda vaga nas imediações do solar. “Em toda primeira noite de lua cheia do ano, ela aparece nua e caminha até o Rio Paraíba do Sul para banhar-se”, conta Sylvia Paes, historiadora e integrante do Conselho de Preservação do Patrimônio Arquitetônico de Campos dos Goytacazes, a partir de relatos obtidos de moradores próximos ao Solar Ayrizes.

Tudo leva a acreditar que a personagem não teria realmente existido, pois não há indícios de que o autor tenha estado na região de Campos ou que tenha existido alguma Isaura por aqui. Pelo menos, não existe documento que comprove a existência da escrava Isaura, a não ser a obra literária de Bernardo Guimarães, que é considerada uma estória de ficção.

Hoje, a casa da escrava Isaura, ou seja, o Solar Ayrizes, é um patrimônio da cidade tombado pelo IPHAN⁴, atraindo turistas que procuram algum vestígio da escrava Isaura ou que queiram saber sobre o ouro verde devindo da cana-de-açúcar, que proporcionou a construção destes importantes testemunhos vivos de um tempo ilustre da cidade e da história do Brasil.

Mas o que é decepcionante é o estado em que o Solar Ayrizes se encontra necessitado emergencialmente de uma restauração, necessidade esta que por enquanto não é cumprida.

Referências

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – órgão do Ministério da Cultura que tem a missão de preservar o patrimônio cultural brasileiro.

ROLIM, Anderson Teixeira. Bernardo Guimarães: escritor de um livro só? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 64-67, 2007.

XAVIER, Nilson. *Almanaque da televisão brasileira*. São Paulo: Panda Books, 2007.